

OLGA BENARIO PRESTES E A “QUESTÃO DEMOCRÁTICA”

OLGA BENARIO PRESTES Y LA “CUESTIÓN DEMOCRÁTICA”

OLGA BENARIO PRESTES AND THE "DEMOCRATIC QUESTION"

DOI: <http://dx.doi.org/10.9771/gmed.v12i1.36244>

Anita Leocadia Prestes¹

Resumo: No artigo é reconhecida a admiração que Olga Benario Prestes desperta junto a numerosos setores sociais, mas, por outro lado, obscurece, em certa medida, alguns aspectos das posições ideológicas e políticas por ela sempre adotadas. Revela-se que sua posição frente à chamada “questão democrática”, inspirada no conhecimento dos clássicos do marxismo, contribuiu para que tivesse comportamento heroico diante dos algozes que a torturaram e assassinaram.

Palavras-chave: Olga Benario Prestes; “questão democrática”; marxismo.

Resumen: En el artículo se reconoce la admiración que Olga Benario Prestes despierta con numerosos sectores sociales, pero, por otro lado, oscurece, hasta cierto punto, algunos aspectos de las posiciones ideológicas y políticas siempre adoptadas por ella. Se revela que su posición frente a la llamada "cuestión democrática", inspirada en el conocimiento de los clásicos del marxismo, contribuyó a su comportamiento heroico hacia los torturadores que la torturan y asesinaran.

Palabras clave: Olga Benario Prestes; "cuestión democrática"; Marxismo.

Abstract: In the article is recognized the admiration that Olga Benario Prestes awakens with numerous social sectors, but, on the other hand, obscures, to some extent, some aspects of the ideological and political positions always adopted by her. It is revealed that her position in the face of the so-called "democratic question", inspired by the knowledge of the classics of Marxism, contributed to her heroic behavior towards the tormentors who tortured and murdered her.

Keywords: Olga Benario Prestes; "democratic question"; Marxism.

Olga Benario Prestes, minha mãe, é hoje praticamente uma unanimidade junto à opinião pública mundial². É reconhecida como mártir do nazismo e heroína da resistência ao autoritarismo e ao fascismo, da luta pela democracia e por uma sociedade em que vigore a justiça social. Atitude adotada inclusive por elementos conservadores, avessos a qualquer simpatia pelo socialismo e o comunismo. Apenas alguns poucos energúmenos, como é o caso do jornalista William Waack³, comprometidos com um anticomunismo primário, ousam atacá-la usando o argumento de que seria uma agente a serviço do Estado soviético. Desconsideram que nos anos 1920/1930, quando Olga desenvolveu a atividade revolucionária que a distinguiu para sempre, defender contra seus inimigos a União Soviética - pátria do socialismo e dos trabalhadores de todo o mundo em que a revolução se tornara vitoriosa - constituía grande mérito e tarefa honrosa.

A simpatia e a enorme admiração despertadas por Olga junto a numerosos setores sociais, evidenciadas em grande medida a partir do momento em que passaram a ser publicados livros, artigos

e variadas matérias a seu respeito e produzidos filmes, peças teatrais e musicais narrando sua vida de lutadora revolucionária, obscureceram, em certa medida, alguns aspectos das posições ideológicas e políticas adotadas e permanentemente defendidas por ela.

Ao considerarmos um tema hoje tão debatido, em especial pelas “esquerdas”, como a chamada “questão democrática”, ou seja, qual seria o tipo de democracia pela qual deveríamos nos mobilizar para assegurá-la a amplos setores populares, é pertinente recorrer ao legado revolucionário de Olga Benario Prestes com o objetivo de compreender a articulação estreita e indelével existente entre seu comportamento heroico diante dos algozes que a torturaram e assassinaram e a concepção teórica por ela adotada a respeito dessa questão.

Desde a idade de quinze anos, no início da década de 1920, ainda em Munique, sua cidade natal, Olga incorporou-se à luta da juventude comunista na Alemanha, transferindo-se logo depois para Berlim, onde sua participação junto às lutas dos trabalhadores do bairro proletário de Neukölln, a levou a ser aceita nas fileiras do Partido Comunista da Alemanha (KPD). Rapidamente a jovem comunista transformou-se numa combatente integralmente devotada à causa da revolução socialista, cujos destacamentos avançados eram à época o Estado soviético, o Partido Comunista (bolchevique) da União Soviética e a Internacional Comunista, fundada por V.I. Lênin com vistas a orientar e colaborar com os partidos comunistas que estavam sendo criados em numerosos países do cenário mundial.

Ainda em Berlim Olga, junto com seus camaradas do KPD, leu algumas das principais obras de K. Marx, F. Engels e V. I. Lenin, os clássicos do marxismo, aos ensinamentos dos quais se manteria fiel até os últimos instantes de sua curta existência. A partir de 1928, com apenas vinte anos de idade, com a cabeça a prêmio na Alemanha devido à sua participação decisiva na libertação da célebre prisão de Moabit de Otto Braun, seu então namorado, viu-se forçada a exilar-se na União Soviética.

Na pátria do socialismo Olga teve condições de continuar o estudo da teoria marxista, aprofundando seus conhecimentos a respeito, o que a levaria a consolidar a convicção do caráter autenticamente científico e da justeza dessa teoria. Como diria mais tarde Luiz Carlos Prestes, meu pai e seu companheiro a partir de 1935, ele e Olga resistiram com firmeza às terríveis condições a que foram submetidos pela repressão policial tanto no Brasil quanto na Alemanha por que possuíam a “convicção científica” da justeza da causa a que dedicaram suas vidas.

Na União Soviética Olga dedicou-se também ao aperfeiçoamento de suas aptidões como soldado da revolução mundial de acordo com a visão do caráter internacionalista da revolução socialista, presente junto ao movimento comunista desde a época de K. Marx e F. Engels, e da necessidade de recorrer às armas para a conquista do poder para os trabalhadores, dada a inevitável resistência das classes dominantes. Praticava diversos esportes, inclusive equitação, sabia manejar armas de fogo e estava matriculada em importante academia soviética de aviação, preparando-se para pilotar aeronaves e ser paraquedista.

Olga Benario Prestes foi uma militante comunista consciente do papel revolucionário que assumira e nessa condição se tornou adepta da concepção leninista do Estado e da democracia. Para V. I. Lenin, intérprete fiel do marxismo e grande artífice da Revolução de Outubro de 1917 na Rússia, o Estado, desde seu surgimento, teve sempre caráter de classe: “Segundo Marx, o Estado é um órgão de *dominação* de classe, um órgão de *opressão* de uma classe por outra, é a criação da ‘ordem’ que legaliza e consolida essa opressão, moderando o conflito de classes” (LÊNIN, p. 29; grifos do autor).

Para deixar claro o papel do proletariado, ou seja, dos trabalhadores desprovidos dos meios de produção, Lênin, na esteira de Marx, afirmava:

A doutrina da luta de classes aplicada por Marx à questão do Estado e da revolução socialista conduz necessariamente ao reconhecimento do *domínio político* do proletariado, de sua ditadura, ou seja, de um poder não partilhado com ninguém e que se apoia diretamente na força armada das massas. O derrubamento da burguesia só pode ser realizado pela transformação do proletariado em *classe dominante* capaz de reprimir a resistência inevitável, desesperada, da burguesia e de organizar para um novo regime de economia *todas* as massas trabalhadoras e espoliadas. (Ibidem, p. 48; grifos do autor)

Ao explicitar a concepção marxista da luta de classes, o líder da Revolução de Outubro escrevia:

Quem reconhece *apenas* a luta de classes ainda não é marxista, pode estar restrito aos limites do pensamento burguês e da política burguesa (...) Só é marxista aquele que *expande* o reconhecimento da luta de classes até o reconhecimento da *ditadura do proletariado*. (Ibidem, p. 57; grifos do autor)

O conceito de *ditadura do proletariado* proposto por Marx em sua obra *Crítica do Programa de Gotha* (MARX, p. 5 -27), defendido por Lênin e adotado pelos marxistas consequentes – como era o caso de Olga Benario Prestes -, em poucas palavras, significa que, em contraste com o Estado burguês (democracia para a burguesia, a minoria, e ditadura para os trabalhadores), a *ditadura do proletariado* é uma ditadura contra a burguesia - que resiste encarniçadamente na defesa de seus privilégios – e a democracia para os trabalhadores, estes sempre a maioria da população. Segundo a concepção marxista, apenas com a extinção da burguesia como classe seria possível o desaparecimento da *ditadura do proletariado*, ou seja, do Estado proletário. (Ver LÊNIN, idem).

Há que dizer que em um Estado socialista isolado e submetido ao cerco imperialista, como foi o caso da União Soviética, tal extinção teria que inevitavelmente ser adiada por um longo período. Com base na experiência soviética, que durou mais de sete décadas, é possível reconhecer a presença de um regime de democracia restrita para os trabalhadores: conquistas sociais generalizadas estendidas a toda a população, contrastando com direitos políticos e civis limitados, embora amplamente garantidos na legislação aprovada, assim como inegáveis práticas autoritárias de parte das autoridades governamentais.

Realidade para a qual existiram causas objetivas e subjetivas. Após a vitória da Revolução na Rússia, Lênin inúmeras vezes alertou seus camaradas para a necessidade de assegurar a *participação popular* no esforço coletivo de construção do socialismo. Sua preocupação com as tradições

burocráticas presentes no país o levava a destacar com grande ênfase a questão de garantir o acesso de amplas massas de trabalhadores às decisões de poder.

As condições históricas concretas dificultariam, contudo, a realização dessas indicações leninistas: 1) a guerra civil, durante a qual 14 países capitalistas atacaram militarmente a Rússia soviética; 2) a maciça destruição da economia do país durante a Primeira Guerra Mundial e o apoio ativo da burguesia e dos latifundiários afastados do poder à invasão estrangeira; 3) a necessidade de realizar esforço concentrado voltado para a industrialização do país tendo em vista preparar-se para a guerra que as potências imperialistas desencadeariam contra a pátria socialista, como aconteceu com a invasão hitlerista a partir de 1941; 4) a coletivização forçada da agricultura – embora Lênin defendesse o trabalho paciente de convencimento dos camponeses –, a única maneira de, nas condições de isolamento da Rússia, garantir a força de trabalho e o abastecimento para a indústria; 5) as tradições burocráticas e autoritárias profundamente arraigadas na cultura política do país; 6) uma visão falsa, contrária ao que afirmaram os fundadores do marxismo, segundo a qual o crescimento das forças produtivas bastaria para garantir a construção do socialismo, levando ao descuido pela formação ideológica e cultural do “homem novo”, responsável pelo futuro dessa nova sociedade.

Outras causas certamente poderiam ser apontadas, mas há que destacar que sua conjunção levou à paulatina restrição da participação dos trabalhadores na atividade dos soviets (conselhos) – decisiva durante a Revolução e nos primeiros anos do poder soviético –, à concentração das principais decisões nas mãos de um grupo restrito de dirigentes, à formação de uma burocracia crescentemente distante das massas trabalhadoras e à adoção de práticas autoritárias e de medidas de violência extrema contra quem delas discordasse. As difíceis condições históricas em que ocorreu a primeira experiência de implantação da *ditadura do proletariado* contribuíram para que sérias deformações da democracia socialista se registrassem. Essa realidade facilitaria a derrota da experiência soviética fomentada pelo esforço constante do imperialismo e dos agentes a seu serviço.

Reconhecer que sem a conquista da *ditadura do proletariado* torna-se inviável a edificação de uma sociedade socialista – concepção adotada por todos os revolucionários consequentes e seguida por Olga Benário Prestes – não significa, contudo, ignorar a possibilidade de múltiplos caminhos tendo em vista tal objetivo. A realidade de cada povo e de cada momento histórico exige a criatividade das forças revolucionárias na elaboração de *formas flexíveis de transição* do regime capitalista ao poder dos trabalhadores.

A partir do final dos anos 1960, Luiz Carlos Prestes daria grande atenção ao resgate das teses de Lênin – retomadas por J. Dimitrov, destacado dirigente comunista búlgaro e da Internacional Comunista –, referentes à importância das “formas de transição que conduzem à revolução”. Segundo Dimitrov, os oportunistas de direita “inclinavam-se a estabelecer uma certa etapa intermediária democrática”, quer dizer, uma nova etapa, que, de acordo com Prestes,

[...] no caso brasileiro, seria entre a ditadura da burguesia e o governo revolucionário. O que inevitavelmente leva ao abandono, na prática, da bandeira revolucionária do Partido, sem a

qual não é possível ao proletariado conquistar a hegemonia na frente única,⁴ para derrotar a ditadura militar existente no Brasil à época em que Prestes se pronunciava a respeito.

Alguns anos depois, ainda durante o regime ditatorial que se estendeu no Brasil até 1985, Prestes afirmava:

Ao lutarmos por uma saída democrática para a situação atual do país, apoiaremos qualquer regime que possa surgir em consequência da derrota do fascismo, desde que assegure a vigência das liberdades democráticas e os direitos dos trabalhadores. Em quaisquer circunstâncias, continuaremos nos batendo por *um regime mais avançado, por uma democracia que não seja apenas política, mas também econômica e social* e prepare as condições para a futura chegada ao socialismo, nosso objetivo supremo.⁵

Nessa época, Prestes chegou a propor o que ele denominou de um regime de *nova democracia* como forma original de transição da ditadura então existente no Brasil ao socialismo, explicando sua posição:

Trata-se da conquista de uma democracia que seja estável, que impeça a volta ao fascismo. Para isso, a *nova democracia* terá que tomar medidas que limitem o poder econômico dos monopólios e dos latifundiários e que se orientem no sentido de sua completa liquidação. (...) A *nova democracia* deverá ser o regime estabelecido por um governo das forças da frente única patriótica e antifascista, abrirá caminho para as profundas transformações de caráter democrático e anti-imperialista, já hoje exigidas pela sociedade brasileira.⁶

As teses levantadas por Lenin e defendidas por dirigentes comunistas como J. Dimitrov e L.C. Prestes decorrem da concepção marxista da luta de classes levada à compreensão da necessidade da *ditadura do proletariado*. O caminho para atingir tal objetivo passa, contudo, pela adoção de formas de transição que contribuam para a acumulação de forças sociais e políticas capazes de conquistar tal objetivo. Semelhante via para o socialismo é a negação do reformismo, ou seja, do oportunismo de direita, marcado pelo abandono da luta revolucionária no processo de superação do regime capitalista.

Nas últimas décadas do século XX, principalmente a partir da crise e posterior derrocada do chamado “socialismo real” na União Soviética e em vários países do Leste europeu, ganharam novo impulso junto a tendências existentes no seio da “esquerda” mundial teses reformistas, entre as quais adquiriu ampla divulgação o *eurocomunismo* – corrente nascida na Itália, fruto de uma elaborada falsificação do pensamento do grande revolucionário e dirigente comunista do PC italiano Antonio Gramsci. Sua preocupação, retomada mais tarde por esse partido, com a formulação do caminho italiano para o socialismo, ou seja, nas condições específicas desse país, conduziu suas lideranças a imaginarem uma “via democrática” para socialismo. Atribuindo a A. Gramsci (GRAMSCI, 2001-2002; 2004) a tese, ausente em sua obra, de uma transição do capitalismo ao socialismo baseada apenas no alargamento de conquistas democráticas a ser produzido pelo esforço da participação de amplas massas populares, o *eurocomunismo* postulava a possibilidade de, nas condições do mundo ocidental, dada a existência de regimes de democracia representativa (burguesa), ser viável a passagem ao socialismo sem a necessidade de uma ruptura revolucionária e sem o estabelecimento da *ditadura do proletariado*. Estamos diante do renascimento do reformismo burguês, combatido por Lênin e por todos que se mantiveram fiéis aos fundamentos da teoria marxista, como era o caso de Luiz Carlos Prestes e Olga Benário Prestes.

Novas correntes reformistas têm marcado a história das “esquerdas” mundiais nos últimos anos, refletindo as dificuldades por elas enfrentadas na busca de caminhos originais para a superação do capitalismo nas condições atuais, assim como a descrença bastante generalizada alimentada pelos ideólogos da burguesia internacional nessa possibilidade. Presenciamos a difusão do chamado *possibilismo* (BORON, p. 79-81) - nova roupagem do reformismo, justificada pela suposta impossibilidade de empreender nos dias atuais a ruptura revolucionária do sistema capitalista, a tomada do poder político pelos trabalhadores, o advento da *ditadura do proletariado* e o início da construção de uma sociedade socialista. Os trabalhadores deveriam restringir-se à luta dentro dos limites do capitalismo, sem se prepararem ideológica, política e organizativamente para superá-lo. Deveriam voltar seus esforços para alcançar medidas parciais – reformas que pudessem melhorar suas condições imediatas de vida, abdicando de uma transformação radical da sociedade que abrisse caminho para a conquista do socialismo.

Alguns defensores extremados de tais posições, preocupados em preservar a legalidade institucional burguesa e fascinados pela quimera de atingir uma sociedade mais justa através da paulatina ampliação da democracia, que se recusam a adjetivar, na realidade passaram a defender a democracia burguesa, a única possível nos marcos do regime capitalista. Nos últimos anos, houve dirigentes de antigos partidos comunistas que chegaram a substituir o mote eurocomunista de “caminho democrático para o socialismo” por “caminho democrático para a democracia”⁷ - evidente abandono da perspectiva socialista.

Ao rebater as teses reformistas cultivadas por grande parte das “esquerdas” atuais torna-se importante resgatar o exemplo de homens e mulheres como Luiz Carlos Prestes e Olga Benário Prestes, que não vacilaram em dedicar suas vidas à causa do socialismo e, se o fizeram de maneira consequente e heroica, explica-se pela convicção por eles adquirida da dureza da luta de classes, da resistência encarniçada da burguesia na defesa de seus interesses espúrios e de que a conquista da democracia socialista jamais será a ampliação da democracia representativa burguesa, mas resultado da conquista do poder político pelos trabalhadores - a *ditadura do proletariado* – assegurando uma democracia para a maioria - social, política e cultural - e a liquidação da burguesia como classe exploradora.

Referências:

BORON, Atilio A. **Socialismo siglo XX: hay vida después del neoliberalismo?** Buenos Aires, Ed. Luxemburg, 2008.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere.** (Edição Carlos Nelson Coutinho com Marcos Aurélio Nogueira e Luiz Sérgio Henriques) .6 volumes. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2001 -2002.

GRAMSCI, Antonio. **Escritos políticos.** (Organização, introdução e tradução de Carlos Nelson Coutinho). 2 volumes. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2004.

GRAU, Eros. **Nosso Armênio: memórias e histórias de Armênio Guedes, o camarada sereno e cordial.** Rio de Janeiro, Ed. Globo S.A., 2019.

LÊNIN, Vladímir Ilitch. **O Estado e a revolução: a doutrina do marxismo sobre o Estado e as tarefas do proletariado na revolução.** São Paulo, Boitempo, 2017.

MARX, Karl. Crítica del programa de Gotha. In: MARX, C. y ENGELS, F. **Obras escogidas en tres tomos.** Tomo III. Moscú, Ed. Progreso, 1976, p. 5 -27.

MORAES, Fernando. **Olga.** São Paulo, Alfa-Ômega, 1985.

PRESTES, Anita Leocadia. **Olga Benario Prestes: uma comunista nos arquivos da Gestapo.** São Paulo, Boitempo, 2017.

WAACK, Wiliam. **Camaradas nos arquivos de Moscou** – a história secreta da revolução de 1935. São Paulo, Companhia das Letras, 1993.

WERNER, Ruth. **Olga Benario: a história de uma mulher corajosa.** São Paulo, Alfa-Ômega, 1989.

Notas:

¹ Possui graduação em Escola Nacional de Química pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1964), mestrado em Escola Nacional de Química pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1966), doutorado em História pela Universidade Federal Fluminense (1989) e doutorado em Economia Política pelo Instituto de Ciências Sociais (1975). Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas – História do PCB e do Movimento Operário no Brasil - <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/512917>. CV: <http://lattes.cnpq.br/9123702879001302> Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6910-8333> E-mail: lygiaprestes@gmail.com

² Ver MORAES (1985); WERNER (1989); PRESTES (2017)

³ Ver WAACK, W. (1993)

⁴ PRESTES, Luiz Carlos, “Intervenção em Seminário dedicado ao 90º aniversário natalício de Jorge Dimitrov”, documento datilografado, 10 p., Sófia (Bulgária), 18/6/1972 (arquivo particular da autora).

⁵ “Projeto de Resolução Política” (ass. O Comitê Central do PCB, fev. 1977). Documento datilografado, 12 p. (arquivo particular da autora); grifos meus. [Este projeto foi rejeitado pela Comissão Executiva do CC do PCB.]

⁶ “Manifesto de Prestes” (29/10/1974), *Voç Operária*, suplemento, n. 118, dez. 1974; grifos meus.

⁷ GUEDES, Armênio. “Discurso proferido ao receber o título de Cidadão Paulistano pela Câmara Municipal de São Paulo”, em 30 de março de 2012, pela iniciativa do vereador Eliseu Gabriel (PSB). In: GRAU, Eros (2019, p.189).

Recebido em: 06.04.2020

Aprovado em: 12.04.2020